

**JOSÉ CARDOSO PIRES****presente a um colóquio  
sobre a sua obra**

José Cardoso Pires, uma das manifestações mais vivas da moderna literatura portuguesa, abordando lucidamente uma temática actualizada através de uma prosa que é das mais ricas da nossa literatura de sempre, veio ao Porto para um colóquio sobre a sua obra, que ontem à noite se realizou e para uma sessão de autógrafos que decorreu, de tarde, na Livraria Divulgação e onde se formou longa bicha de admiradores aí aparecendo críticos, poetas e artistas, personalidades em relevo nesta cidade ou de passagem, como os srs. drs. Oscar Lo-

Oscar Lopes, que em breves palavras apreciou o último romance de José Cardoso Pires, caracterizando-o no conjunto da obra do escritor e levantando acerca dele alguns problemas, tais como o da relação da sua história com a temática do marxialvismo, tão importante em Cardoso Pires, e questões relativas à técnica narrativa. O sr. dr. Oscar Lopes repetiu o seu juízo acerca da prosa do autor de «O Delfim», que considera como a mais limpa e vigorosa dos autores portugueses contemporâneos

O diálogo alargou-se, depois,



*José Cardoso Pires respondendo às perguntas que lhe dirigiram no colóquio da «Árvore».*

pes e Ilídio Sardoeira, os poetas Eugénio de Andrade e Vasco Graça Moura, o arq.º Lobão Vital, o actor Paulo Renato, etc. Esta visita do talentoso romancista e ensaísta coincide com o lançamento do romance «O Delfim», obra de longa e operosa elaboração como são todos os livros de Cardoso Pires, artista escrupuloso e inquieto que não pactua com facilidades nem com oportunismos.

Ao colóquio presidiu, dirigindo-o, o ilustre crítico e ensaísta sr. dr.

participando nele os srs. drs. Ilídio Sardoeira, Soares da Costa, Rui Feljó e Luís Roseira, que debateram vários problemas, mas com especial realce para o do tempo no último romance de José Cardoso Pires. Este havia afirmado que o tempo é o herói do seu romance, explicando que esse tempo é o tempo português, radicalmente diferente do tempo que decorre nos países mais desenvolvidos da Europa, tempo lento ou paralisado, sem plenitude e acção suficiente para o encher.

Esta noção (por demasiado rígida) foi posta em dúvida principalmente pelo sr. dr. Oscar Lopes que defendeu uma concepção mais dialéctica do tempo português. Discussiram-se, ainda, as incidências destas noções na literatura portuguesa actual e particularmente na obra de Cardoso Pires.

Foram, depois, abordados outros problemas como o libertinismo na obra de Cardoso Pires e o do seu interesse pelo teatro. Cardoso Pires, a propósito deste último, disse que cada vez gosta menos de teatro, e mais de cinema, mas que a ficção é o seu modo preferível de expressão e que não crê que, nas actuais circunstâncias, retome um texto dramático como fez com «O render dos heróis».

No final, o autor de «O hóspede de Job» foi calorosamente aplaudido pela numerosa assistência, onde se encontravam, entre outras pessoas em evidência no meio cultural e social portuense, escritores como — não repetindo o nome dos já mencionados e salvo omissão involuntária — José Régio, Eugénio de Andrade, Egito Gonçalves, Marta Cristina de Araújo e Ilse Losa.